

BOM JESUS DA CANA VERDE E SANTO INOCÊNCIO: A FORMAÇÃO DE DOIS SANTUÁRIOS NO NORTE DO PARANÁ

Alex de Oliveira NOGUEIRA (G – UENP/ FAFIJA)*

INTRODUÇÃO

Quando se estuda o catolicismo, deve ficar clara a multiplicidade existente dentro dele mesmo, uma vez que podemos classificar como “catolicismos” as diversas posições assumidas por facções internas da própria Igreja. Scott Mainwaring (1985) deixa bem representadas algumas formas de catolicismos presentes no Brasil por volta da década de 1950. Segundo ele tínhamos um grupo da Igreja classificado como tradicionalistas, os quais combatiam a secularização e impulsionavam o fortalecimento da instituição na sociedade. Outro grupo era dos modernizadores conservadores, acreditando que a Igreja precisava mudar para cumprir sua missão no mundo moderno com maior eficácia. E também havia um núcleo reformista, que possuía posições sociais mais progressistas e um trabalho pastoral mais intenso.

Assim dentro da própria hierarquia, são perceptíveis várias alas com diferentes posições. No catolicismo popular a forma dos fiéis expressarem e viverem sua fé, muitas vezes se diverge do catolicismo dito institucional ou clerical. “O controle do clero sobre os ritos nem sempre corresponde ao seu controle sobre os significados, criando assim mal-entendidos” (STEIL, 2001, p. 35), o que a instituição na pessoa do clérigo propõe aos fiéis é muitas vezes ignorado na realidade, o fiel católico acaba tendo sua crença particular em dissonância com aquela que a Igreja prega.

Dessa, forma o objetivo deste artigo, é apontar alguns aspectos da formação do Santuário do Senhor Bom Jesus da Cana Verde, e do Santuário de Santo Inocêncio, bem como as divergências encontradas pela instituição Católica junto aos seus fiéis. Busca-se também tecer uma reflexão, a respeito dos conceitos de Catolicismo popular e o Catolicismo institucional, reflexão esta que será nosso primeiro passo antes de abordarmos a formação dos Santuários.

*Discente do 4º Ano de História da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho da Universidade Estadual do Norte do Paraná – Departamento de História. Pesquisador do Núcleo de Pesquisa em História das Religiões NPHR. E-mail: oliveiranogueira@ibest.com.br

CATOLICISMO TRADICIONAL POPULAR

No período em que o Brasil era colônia de Portugal, o culto religioso era obrigatório, uma vez que o Reino Português era católico e todos os que moravam no Brasil, também deveriam professar a fé católica. Os portugueses trouxeram junto do catolicismo oficial, um catolicismo mais íntimo, cheio de sentimento religioso, o qual pode ser classificado como catolicismo de devoção (c.f. AZZI, 1978, p.52).

Numa América Portuguesa em que habitavam como nativos os índios, os escravos africanos e judeus fugitivos da inquisição europeia, começa a tomar corpo um catolicismo com fortes influências dessas culturas. E apesar de existir um certo “controle” por parte da Igreja através das visitas do Santo Ofício, a maioria dos católicos não abandonavam suas superstições, apenas modificavam, ou mesmo, adaptavam suas práticas e costumes religiosos ao catolicismo. Assim Steil nos coloca:

Sabemos, no entanto, que as tradições culturais não são simplesmente transpostas de um contexto para outro, e que toda transposição é sempre uma reinvenção. O catolicismo que se enraíza no Brasil está marcado por sua origem europeia, mas também pelo encontro que essa tradição teve aqui com as tradições africana e indígena. Sua originalidade, contudo, deve ser buscada mais na forma como se realiza esse encontro do que na soma dos elementos dessas tradições (STEIL, 2001, p. 15).

Dessa maneira, é deste encontro entre culturas e o catolicismo, que temos como resultado formas diferentes de “Ser Católico” no período colonial, formas estas, que tem mudanças e permanências que se incorporaram no catolicismo do século XX, e estão presentes até hoje. Quando falamos em catolicismo tradicional popular, a terminologia tradicional é utilizada porque este tipo de catolicismo que se fez presente por ocasião da implantação no Brasil do modelo de Cristandade pode ser qualificado como tradicional, por ser o primeiro a surgir efetivamente (c.f. AZZI, 1978, p.50).

Importante colocar que não só um catolicismo oficial de característica obrigatória veio junto dos portugueses como disse no início, mas fora trazido também:

(...) um catolicismo de devoção, no qual o próprio povo organizava suas práticas, daí ser predominantemente um catolicismo leigo, com caráter medieval. É também um catolicismo familiar e social, uma vez que está mais centralizado na instituição familiar do que na organização eclesiástica, pois é através da família que se transmitem

as orações, as devoções e prática, transmitindo e mantendo a fé católica (PIMENTEL, 2005, p. 18).

Este mesmo catolicismo popular é aquele que se desenvolve sem a interferência direta da instituição. O imaginário e o encontro com outras culturas, fazem com que as formas de expressão religiosa Católica dêem maior ênfase para devoções aos santos, promessas e romarias, busca de curandeiros e mesmo práticas supersticiosas. Neste contexto é creditado aos leigos o poder de representar nas comunidades a autoridade do sagrado, promovendo rezas e fazendo benzimentos.

Este catolicismo “tradicional popular” deve ser chamado de popular, com um tipo de reserva, pois não estamos aqui tratando de povo no sentido de massa pobre, daqueles que sofrem e são oprimidos, mas sim envolvendo todos os costumes e vivências religiosas do povo, seja ela de origem africana, indígena, protestante, católica, espírita ou pagã, tudo aquilo que tendo origem em outra cultura religiosa, e exerce influência na vivência religiosa dos fiéis católicos. Esta assimilação é que forma um dos pontos chave do dito catolicismo popular, presente no imaginário dos fiéis, sejam eles de classe nobre ou não.

Assim, é compreensível que a tradição religiosa popular, ou mesmo catolicismo tradicional popular, seja uma expressão múltipla e diversa da doutrina oficial da Igreja, se manifestando sem o controle do clero, e sendo desenvolvido “na singularidade de nosso modo ser e de viver com os fios que herdamos do passado, estes (fios), por sua vez, embora possuam cor, consistência, resistência e espessura próprias não impedem nossa criatividade ao tecer o presente, dando-lhe uma nova configuração e forma” (STEIL, 2001, p. 14). Quando se fala desses fios que se herda do passado, falamos das tradições, costumes, superstições e ritos que são passados de geração para geração, moldando o catolicismo popular.

AS DIFERENÇAS ENTRE O CATOLICISMO POPULAR E O INSTITUCIONAL

Ao abordarmos o catolicismo institucional, queremos apresentar aquele catolicismo que firmado no clero, sempre irá tentar colocar em prática as recomendações vindas da instituição, centralizando desta forma as crenças numa ortodoxia oficial. Este tipo de catolicismo, que tinha suas bases no Concílio de Trento¹, está pautado no valorizar os

¹ No Concílio de Trento (1545-1563), temos uma grande valorização dos sacramentos na vida da Igreja, como também uma defesa da Sagrada Escritura e da Tradição Apostólica, firmando assim as bases do catolicismo oficial que a Igreja professava, centralizando cada vez mais a vivência religiosa na Instituição.

sacramentos na vida do fiel, e de sua constante relação com o sagrado através da mediação do clero.

As diferenças que definem tanto o catolicismo popular, quanto o institucional, mostram-se claras em ambos. Quando falamos do popular, o fiel dirige-se ao sagrado sem a mediação clerical, possui um caráter devocional aos santos não reconhecidos pela Igreja, é também carregado de superstições que na maioria das vezes são oriundas do encontro de outras culturas com catolicismo, e também uma procura de curandeiros e outros agentes religiosos populares². Assim, este tipo de manifestação de vivência do catolicismo tem alguns pontos, que se diferem da ortodoxia pregada pela instituição.

Um fato na formação e diferenciação destes dois tipos de catolicismo é que:

A partir da segunda metade do século XIX, os dirigentes leigos foram substituídos pouco a pouco por padres de congregações religiosas dentro de um projeto de romanização do catolicismo, que tinha como modelo um catolicismo de conotação clerical. Esses padres vinham da Europa imbuídos de uma missão que pretendia realizar uma “purificação” do catolicismo praticado nesta época através do combate às superstições acreditando estar prestando um serviço de esclarecimento e implementação da verdadeira religião (PIMENTEL, 2005, p. 29).

Este processo é chamado de Romanização, em que um dos pontos chave segundo Mainwaring (1985), era transformar as práticas populares em ortodoxas, vemos uma tentativa da instituição em alinhar a vivência do catolicismo popular a uma ortodoxia oficial.

No Norte do Paraná temos uma realidade de devocionismo e superstições arraigada no imaginário do povo, assim como também na maior parte do Brasil. Um relato do Padre Probst do ano de 1975, conta como era essa situação dos católicos no início do século XX, nas terras onde mais tarde teremos o Santuário do Bom Jesus e o de Santo Inocência.

A incerteza das condições primitivas em que viviam sem assistência médica e farmacêutica (sic), obrigava-os a procurar auxílio nos santos e nos curadores. Daí originou-se o costume, maximamente em voga, de fazer promessas. Prometiam: criação da roça, dinheiro, cereais, reza de um terço, Missas, as vezes coisas esquisitas e supersticiosas: batizar uma criança nua; mandar a criança a procissão na tanga de S. Sebastião, andar de joelhos pela Igreja na presença do povo, fitas do tamanho da imagem do santo, fotografias de pessoas e animais curados, imagens rústicas de cera de abelhas; punham a chave

² Steil, aplica este termo “agentes religiosos populares”, a aqueles que não ordenados pela instituição, exercem o papel de benzedores, rezadores, mestres de folias, beatos, e outros.

do sacrário na boca da criança com sapinho; faziam crianças surdas beber na campainha da S. Missa, lavavam a imagem de São Benedito no rio em tempo de seca etc. (...) A ignorância levava-os até a fazer promessas ofensivas às leis da Igreja. Não lhes era um problema passar anos só casados civilmente para cumprirem a promessa de fazer o casamento religioso no Santuário de NS. Aparecida ou deixar uma criança sem Primeira Comunhão porque prometeram de ela fazer com 12 anos. A promessa feita prevalecia às leis da Igreja e as censuras dos padres conseguiam nada, em tais casos (PROBST, 1975, p.14).

A partir deste relato podemos analisar claramente a posição dos dois catolicismos, o tradicional popular e o institucional. Este texto é escrito por um padre palotino que interpreta as ações dos fiéis como esquisitas, supersticiosas e ignorantes, pois realizam promessas ofensivas à Igreja. Ao se posicionar assim, vemos que ele defende uma vivência religiosa de acordo com as leis da Igreja e condena os desvios da fé, sendo representante do catolicismo institucional.

Do outro lado da moeda, temos o fiel portador de muitas das características pelo padre citadas, este fiel por sua vez vive a experiência de fé da forma com que lhe foi ensinado pela família, e esta maneira de expressá-la tem raízes, como já foi visto, na colonização do Brasil, onde as práticas supersticiosas eram muito freqüentes.

E assim, a presença destes dois catolicismos distintos, permeiam o cotidiano de toda a Igreja Católica, mas tem em si pontos comuns os quais sempre são buscados, e que possibilitam a existência de uma certa harmonia entre estas duas posições.

O SANTUÁRIO DO SENHOR BOM JESUS DA CANA VERDE

Para compreender a formação deste santuário, é necessário entender a origem da devoção e a identificação que os católicos constroem em relação ao Senhor Bom Jesus da Cana Verde. A esse respeito, diversas são as histórias que tratam de explicar a origem da devoção, entre as mais divulgadas temos a versão da cidade de Carlópolis e a de Siqueira Campos (nesta última cidade é que está construído o santuário).

Uma das versões, a de Siqueira Campos, conta que Antônio de Paula Oliveira Pinto, era dono de uma fazenda de escravos e que havendo um de seus escravos, por nome de Vicente, cometido uma falta muito grave e, temendo as iras do Sinhô e os castigos do capataz, fugiu para mata, onde ficou escondido. O escravo, após certo tempo, mandou propor ao Sinhô uma linda imagem de São Bom Jesus, em troca do perdão. Diz-se, que vendo

a belíssima imagem, o velho Pinto ficou muito comovido e perdoou o escravo dizendo-lhe: “Come e bebe à vontade durante toda a sua vida e não precisa mais trabalhar!”. E conduzindo a bonita imagem para sua casa, ali ela ficou até que fez uma capela para o Senhor Bom Jesus, doando uma quantidade de terras para o santo.

Uma outra versão, a de Carlópolis, conta que nas terras desta cidade veio morar em 1934, um senhor chamado José Pinto e trouxe consigo a imagem do Senhor Bom Jesus da Cana Verde. Seu José foi morar na divisa do município de Carlópolis e Siqueira Campos, na sua residência construiu uma capelinha para o santo, quando já estava muito velho, seu José doou a imagem para a Igreja de Carlópolis, mas Frei Leonardo de São José da Boa Vista com interesse em ter o Santo na sua igreja veio no sítio dos Pintos e levou a imagem. Padre Hugo de Carlópolis vai conversar com José Pinto, o qual tenta pegar o santo de volta junto com os padres de Siqueira Campos, mas morre no caminho e ao final a imagem fica parafusada na Igreja de Siqueira.

A imagem do Bom Jesus da Cana Verde representa a pessoa de Jesus Cristo que sofrera na sua paixão e morte, tanto que a imagem esculpida é de um Cristo todo chagado e coroado de espinhos. Para o Catolicismo institucional cultuar o Bom Jesus significa render homenagens ao próprio Deus que é Jesus. Mas para a maioria dos devotos a imagem representa mais um santo como tantos outros existentes na Igreja, aos quais se pede a sua intercessão, pois estão juntos de Deus, mas no caso do Bom Jesus ele é Deus.

Em fim, seja o santo realmente de Siqueira Campos ou de Carlópolis, existia em torno dele uma vida espiritual que já atraía muitos devotos, uma vez que era famoso por ser considerado milagreiro pelo povo. Um dos motivos da disputa é justamente o caráter devocional que o Senhor Bom Jesus havia ganhado, romarias e pessoas de diversos lugares acorriam para fazer suas preces e votos gerando um fluxo de fiéis. Dessa forma, esta é uma devoção que surgira do povo sem a influência direta da Igreja, e mais tarde é por sua vez acolhida no seio da Igreja quando se cria o Santuário Diocesano do Senhor Bom Jesus da Cana Verde na década de 1970 pelo Bispo Diocesano Dom Pedro Filipak.

O SANTUÁRIO DE SANTO INOCÊNCIO

No caso de Tomazina, cidade localizada 18 km de Siqueira Campos, temos também a presença de uma imagem de Santo Inocência Mártir cultuada pelos fiéis. Esta

devoção não é construída a partir do povo, mas sim trazida por um frei (Carlos Maria) e apresentada para a comunidade. Os restos mortais deste mártir do século III da era cristã foram retirados das catacumbas de São Calixto (Roma) em 1829 por ordem do Papa Gregório XII, e conduzidos para veneração na comunidade de Lendinara na Itália, onde permaneceram até o ano de 1975, sendo trazidas para Tomazina.

Esta ação realizada por frei Carlos pode ser concretizada graças aos contatos do seu coadjutor frei Mario Massarente, que era Italiano e tinha sua família residindo na Itália, com isso abriram-se as possibilidades de contatos diretos com os freis de Lendinara, indo assim de encontro com os anseios de frei Carlos. Esta colocação é claramente exposta no livro tomo:

Frei Carlos Maria manifestou seu plano, por escrito, ao superior provincial, expondo-lhe que através de frei Mário Massarente (coadjutor daquela paróquia e que visitara seus parentes na Itália) conseguiu do Provincial de Veneza (Frei Liberal Martignago) a liberação do corpo de um santo que se achava na Igreja dos capuchinhos de Lendinara (Itália) (TOMBO, 1975, 41v).

Frei Carlos consegue trazer Santo Inocência para Tomazina, chegando no dia 09 de Novembro de 1975 e sendo acolhido por uma multidão de fiéis na cidade. Esta devoção, mesmo sendo impulsionada principalmente nos anos que o frei estava na Paróquia, não teve grande repercussão entre o povo em relação a Romarias, e identificação devocional com o Santo. Um dos motivos é que foi apresentada de cima (instituição) para baixo (povo), não nascendo do meio popular, sendo que é necessária a identificação do povo com a imagem, a qual trará consigo um feixe de símbolos que em si identificam-se com o povo.

Inocência é um Santo e Mártir da Igreja Católica, como muitos outros inscritos no martiriológico romano³, os quais deram sua vida pela fé em Cristo. Neste caso particular, ele foi decapitado por ordem do imperador Romano no século III ao defender sua fé. Após ter sido morto seu corpo foi depositado nas catacumbas de São Calixto pelos cristãos.

O que vemos são as relíquias de um Mártir Romano trazido para uma cidade do interior do Paraná, onde a realidade não estava preparada para absorver tal devoção. Trabalhos no sentido de assimilá-lo com o povo acontecem por parte da Igreja, mas não são tão eficazes assim, comparado a influência que a imagem causaria se tive surgido do meio

³ Livro oficial da Igreja Católica, onde são inscritos o nome de todos os Mártires conhecidos desde os primeiros séculos da era cristã.

popular. Santo Inocência é uma imagem dogmática, de certa forma inapropriada a leitura e assimilação dos segmentos populares, tão comuns nas cidades de interior do Brasil.

CONCLUSÃO

(...) as imagens que apresentam um fundamento mais dogmático têm dificuldade em penetrar nos círculos devocionais, uma vez que as devoções se afirmam para quem da profissão de fé. (...) Se o carisma que cerca o santo é muito dogmático, sua simbologia torna-se desapegada da vida comum e sua figuração não materializa concepções sagradas. Torna-se mais adequado para os segmentos populares produzir seus próprios santos, forçando sua entrada no espaço sagrado, segundo a projeção dos lugares que habitavam mundanamente – prática ainda comum nos segmentos devocionais populares do catolicismo (LOPES, 2003, p. 18-19).

Esta fala de Lopes ressalta a diferença entre a assimilação dos fiéis por um santo surgido do povo e por santos mais ortodoxos. Este pensamento se encaixa no caso dos santuários de Tomazina e Siqueira Campos, pois ambos têm imagens consideradas sagradas pela Igreja, mas a diferença é que, Santo Inocência foi apresentado pela hierarquia, e o Senhor Bom Jesus da Cana Verde surgiu do meio popular e sua imagem foi construída através da fama de milagres e curas e mais tarde acatado pela Igreja.

Esta diferença é um dos fatores que hoje tem explicado o maior afluxo de fiéis da região ao Santuário do Bom Jesus no dia em que ele é comemorado⁴, e no Santuário de Santo Inocência um número muito menor⁵. Fica-se claro dessa maneira, que a Igreja em determinados momentos oferece aos fiéis uma prática devocional ortodoxa, ou agrega a si algumas devoções que aconteciam periféricamente, como é o caso do Senhor Bom Jesus da Cana Verde ou mesmo da própria Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida⁶.

No caso de Santo Inocência, a tentativa de instituir uma devoção ortodoxa não surtiu muito efeito, uma vez que os fiéis logo agregaram a imagem do mártir elementos do catolicismo popular, como superstições e diversas crendices que ferem a constituição

⁴ O dia da celebração solene do Senhor Bom Jesus da Cana Verde acontece no dia 06 de agosto, e segundo registro destes últimos anos, durante a novena e o dia da festa, atraía a cidade cerca de vinte mil devotos, a maioria da Região Norte do Paraná.

⁵ Em Tomazina o dia dedicado a Santo Inocência é 09 de novembro, mas a festa religiosa e social acontece no dia 08 e 09 de dezembro, unindo a festa da Padroeira Imaculada Conceição e a do Mártir, atraindo cerca de no máximo três mil fiéis, a maioria da própria cidade.

⁶ Stiel trabalha com este caso de Nossa Senhora Aparecida, em que durante quase duzentos anos a devoção tinha apenas abrangência local, mas a partir da segunda metade do século XIX, os dirigentes leigos são substituídos por padres da Congregação do Santíssimo Redentor.

oficial do catolicismo institucional. Assim a fala de Stiel, citado no início do artigo, nos é muito válida, “o controle do clero sobre os ritos nem sempre corresponde ao seu controle sobre os significados, criando assim mal-entendidos” (STIEL, 2001, p. 35).

A respeito do Bom Jesus, mesmo ele tendo surgido do povo, a Igreja tenta com os freis capuchinhos dar formação aos fiéis segundo a doutrina católica oficial. Mas neste caso, já se havia criado em torno do Senhor Bom Jesus da Cana Verde um imaginário popular, que era e é alimentado pelos relatos de milagres os quais se espalham, tornando difícil a aplicação de um processo de romanização, ou seja, tornar ortodoxa a prática popular.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AZZI, Riolando. Formação Histórica do Catolicismo Popular Brasileiro. In: SANTOS, B. Beni. **A Religião do Povo**. São Paulo: Paulinas, 1978. p. 50.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. Tradução de: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HERMANN, Jacqueline. História das religiões e religiosidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

JULIA, Dominique. A religião: história religiosa. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.). **História: novas abordagens**. 3º ed. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

LOPES, José Rogério. **Imagens e Devoções no Catolicismo Brasileiro. Fundamentos Metodológicos e Perspectivas de Investigações**. Rever, São Paulo, SP, ano 3, n. 3, p.1-29, 2003. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv3_2003/t_lopes.htm>. Acesso em: 10 set. 2007.

MAINWARING, Scott. **A Igreja da Neocristandade, 1916 – 1955**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MANUEL, Ivan Aparecido. **O Pêndulo da História: Tempo e Eternidade no Pensamento Católico (1800-1960)**. Maringá: Eduem, 2004.

PADEN, Willian E. **Interpretando o sagrado**. São Paulo: Paulinas, 2001.

PIMENTEL, Elam de Almeida. **A devoção aos santos no catolicismo popular ou tradicional**. In:_____. “*Um estudo da devoção a São Longuinho*”. 2005. p. 16-45. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

SOUZA, Joaquim Vicente de. A História do Santo Senhor Bom Jesus da Cana Verde. Siqueira Campos: s/ed, 1967. 24p. Disponível em: <www.prdagente.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=127>. Acesso em: 10 set. 2007.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e cultura. In: VALLA, Victor Vincent (Org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP&A Editora Ltda, 2001.

FONTES

Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida Tomazina. Tomazina, 1970-1979.

PROBST, Pe. Carlos (SAC). **Levantamento Histórico da província de São Paulo – Brasil – SAC**. Londrina, 1975, p. 10 – 15.